

O comércio a retalho, a restauração e a hotelaria em espaço urbano: relato de uma experiência de colaboração e intercâmbio didáctico, metodológico e científico entre Porto e Angers

José A. Rio Fernandes e Luís P. Saldanha Martins¹

1. Introdução: razões de um artigo

O reconhecimento público à dedicação da Prof. Rosa Fernanda Moreira da Silva na criação e consolidação da Licenciatura em Geografia na Universidade do Porto e à determinação com que sempre procurou defender o que em cada momento julgou corresponder aos mais elevados interesses da Geografia, ocorreu já em diferentes ocasiões e enquadramentos. As comemorações dos 25 anos da licenciatura, os doutoramentos Honoris Causa de José Manuel Pereira de Oliveira e de Suzanne Daveau e o colóquio recentemente organizado pelo Departamento de Geografia a propósito da sua aposentação, constituíram momentos significativos de homenagem ao seu papel, prolongados – e registados para a história – neste número da Revista de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

No largo período em que dirigiu o Departamento, é especialmente recordado o esforço de acompanhamento da construção do novo edifício da Faculdade de Letras, tanto na fase de elaboração do programa como na fase de obra. A criação de condições para a investigação constituiu uma outra tarefa em constante desenvolvimento que culminou na constituição de uma unidade reconhecida pela Fundação de Ciência e Tecnologia em 1996 e permitiu a participação de um numeroso grupo de docentes em projectos de grande alcance, a exemplo da proposta de constituição em Portugal Continental de círculos uninominais de candidatura. Como extensão, teve sempre uma preocupação no estabelecimento de pontes com outras instituições, participando num desejado alargamento de experiências e solidificação de redes de colaboração, afirmando uma necessária internacionalização da Geografia do Porto.

Neste texto procura-se, precisamente, dar boa nota da continuidade que se pretende para as relações científicas já estabelecidas. O projecto de investigação com o qual o presente artigo directamente se relaciona, aprovado no quadro das Acções Integradas Luso-Francesas pelos Conselhos de Reitores das Universidades Portuguesa e Francesa, resultou dos contactos possibilitados por um dos diversos protocolos Sócrates/Erasmus que Rosa Fernanda Moreira da Silva estabeleceu e animou, neste caso, tendo por interlocutor da

¹ Departamento de Geografia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto

O comércio a retalho, a restauração e a hotelaria em espaço urbano:
relato de uma experiência de colaboração e intercâmbio
didáctico, metodológico e científico entre Porto e Angers

universidade parceira de Angers o geógrafo Jean Soumagne e pelo Porto os subscritores do presente texto, um como interlocutor português no referido protocolo e outro enquanto co-coordenador da referida Acção Integrada Luso-Francesa (referência F-11/03) que teve por título “Metropolização, terciarização e revitalização urbana”.

O trabalho conjunto realizado no Porto e em Angers, alargado a outros colaboradores², foi ainda favorecido por contactos anteriores entre alguns dos membros do grupo associados ao projecto, designadamente na tentativa protelada em criar um Mestrado Europeu tripolar que envolvia o Porto e Angers (e ainda uma universidade alemã), bem como no quadro do grupo de comércio da União Geográfica Internacional. Por outro lado, importa lembrar que os encontros científicos ocorridos no âmbito do recentemente extinto CENPA (Centro de Estudos do Norte de Portugal e Aquitânia) contribuíram igualmente para o fortalecimento das afinidades científicas e pessoais com geógrafos franceses associados a este e a outros protocolos entretanto estabelecidos.

Relativamente à cooperação Porto-Angers no período de vigência do projecto, note-se que esta não se restringiu aos trabalhos directamente associados à sua concretização (que justificaram deslocações de ambas as partes) e associaram o GEDES e a CARTA, unidades de investigação de cada um dos departamentos, mas foi igualmente alargada à docência, como de resto está inerente à implementação dos protocolos Sócrates/Erasmus, na Licenciatura em Geografia e no Curso Integrado de Pós-Graduação em Geografia Humana “Território e Desenvolvimento”, assim como a participação do Prof. Jean Soumagne enquanto conferencista no colóquio “Comércio e Mobilidade” e no que se realizou em homenagem a Rosa Fernanda Moreira da Silva.

Embora a temática do presente artigo se afaste das desenvolvidas pela homenageada ao longo da sua carreira académica, entende-se fazer todo o sentido tratar no presente número o projecto associado às Acções Integradas realizado no seio das unidades de investigação GEDES e CARTA, como testemunho do seu papel na internacionalização da Geografia do Porto e também pela importância dos levantamentos e recolha de informação sobre o terreno, fortemente valorizados no projecto e que como é sabido são particularmente caros à Prof. Rosa Fernanda na investigação em Geografia. Tratam-se aqui, sobretudo, as questões de natureza metodológica e são também apresentadas algumas das principais conclusões, num texto orientado essencialmente para o relato de uma experiência e, através dele, para a promoção da cooperação internacional na investigação geográfica.

A problemática de estudo assentou na “apreensão das mutações urbanas ligadas ao desenvolvimento das actividades terciárias, especialmente do comércio e do turismo”. Considera-se que o crescimento e diversificação do terciário implica recomposições territoriais – donde a importância da geografia na compreensão do processo – verificando-se que as iniciativas lançadas pelas/nas cidades têm muitas vezes como objectivo o desenvolvimento económico, com a amplificação da terciarização e o aumento da sua influência regional, nacional e internacional, no contexto da abertura global.

A terciarização está presente de formas diversas, de acordo com o estatuto e as clientelas servidas (público/privado, serviços a particulares/serviços às empresas) e reparte-se de forma desigual de acordo com uma hierarquia urbana, mas também em função da especialização das cidades, das redes de base territorial que se estabelecem e dos tipos de funções terciárias que actuam como “locomotivas” urbanas.

A maioria dos autores considera que no seio do sector terciário, o comércio tem um lugar fundamental na consolidação do urbano e do respectivo processo de desenvolvimento.

² Para a produção do relatório final, contou do lado português com a colaboração da aluna Joana Moreira e do lado francês do colega Lionel Guillemot.

Da mesma forma, é referenciado como um “marcador” relevante e revelador do lugar das cidades na “armadura urbana” contribuindo, nomeadamente pela sua diversidade, dimensão, especialização ou *standing*, para a identificação de diferentes patamares que podem servir de indicadores da metropolização. Além disso, os laços estreitos que unem as actividades de comércio e de turismo entre os quais avulta uma tradicional vocação centro-orientada, merecem especial consideração no estudo do processo de criação e afirmação económica das metrópoles, razão pela qual lhe é conferido um especial destaque no projecto.

Neste quadro, o estudo comparado das actividades de comércio e de turismo no Porto e em Angers, tenta discernir o papel da oferta e do consumo de bens e serviços nessas cidades e por extensão na generalidade das cidades do Oeste da Europa. Os seus efeitos na capacidade de atracção do centro, quando e onde seja identificável face a critérios distintos, são incontornáveis, pretendendo-se sobretudo reconhecer as mutações económicas e territoriais mais recentes, estabelecer as ligações entre a oferta e o comportamento dos consumidores e destacar os novos desafios, estendendo o significado do consumo a dimensões imateriais que gravitam por exemplo em torno da cultura ou do turismo na cidade histórica.

As diversas componentes enunciadas foram abordadas tendo como principais referências teóricas e operativas, a metropolização, a terciarização e a requalificação urbana que deram título ao projecto. São entendidos como conceitos que permanecem fortemente interligados e interdependentes no corpo da Geografia Urbana, a partir dos quais será possível esperar os maiores e melhores contributos para a explicação dos actuais processos de transformação das cidades e de incitação às dinâmicas registadas em espaço urbano. De resto, continuam a representar o essencial das forças de transformação que actuam em espaço urbano, maugrado uma longa existência e estarem profusamente difundidos e vulgarizados os termos e os significados que lhes andam associados, com a conseqüente apropriação (e a diminuída precisão dos seus contornos) por parte dos mais diversos agentes do ordenamento.

Em todo o caso, a metropolização, a terciarização e a requalificação urbana envolvem a referência a processos de mudança, na medida em que encerram um forte sentido dinâmico de transformação do território, mas implicam igualmente a alteração de comportamentos e de “modos de vida” das populações, nomeadamente através dos indicadores de qualidade de vida registados, quer se trate da residência, da disponibilidade de emprego, do acesso a serviços de ensino e de saúde, do lazer, ou da mobilidade e acesso aos transportes.

Os conceitos estão igualmente associados à organização do território, tanto numa perspectiva intra-urbana como inter-urbana e, em essência, traduzirão uma fase de evolução à qual têm ascendido apenas alguns territórios projectados internacionalmente, para o que contribui quase sempre uma imagem de marca que procuram implantar e que conseguem de alguma forma fazer vingar em domínios extremamente competitivos.

2. Objectivos e metodologia: relato de uma experiência

Desde o arranque do projecto que a forma de recolha de informação sobre o terreno constituiu motivo de preocupação, tanto mais que numa perspectiva teórica se tornou claro que as referências bibliográficas não diferiam significativamente e a forma de tratar os temas, verificável através dos diversos textos publicados, apresentava também significativos pontos de contacto. Para além da definição geral do trabalho, com os necessários ajustamentos em termos de conceitos e enquadramentos temáticos, mais gerais ou especificamente orientados para particularidades das tarefas realizadas, foi indubitavelmente em relação à recolha de informação, do modo de classificação, de representação gráfica e de análise dos dados, que houve necessidade em detalhar e precisar com maior cuidado as opções a tomar.

O comércio a retalho, a restauração e a hotelaria em espaço urbano:
relato de uma experiência de colaboração e intercâmbio
didáctico, metodológico e científico entre Porto e Angers

Por isso, a oportunidade de trabalho conjunto que teve lugar, à partida, constituiu uma importante possibilidade em aferir de forma aprofundada e cotejar até ao pormenor o interesse e a consistência de um conjunto de práticas que pelo menos desde o seminário em Geografia Humana, na opção Urbana, com o nosso mestre destas lides, o Prof. Pereira de Oliveira, foram sucessivamente postas em prática.

Simultaneamente, a importância do processo de relacionamento institucional assentou no conjunto de razões que permitiram transformar o casuístico e conjuntural num processo continuado e estrutural, contribuindo para solidificar o enquadramento conducente à produção científica. As ligações estabelecidas através do protocolo e programa de investigação, ultrapassaram as meras formas de relacionamento interpessoal, inclusivamente experimentadas com um sucesso relativo noutros casos, em proveitosas e continuadas atitudes de intercâmbio, permitindo promover o essencial, nomeadamente através da valorização das experiências científicas, e desvalorizar o acessório, ou seja, o relacionamento e o intercâmbio científico e docente como fins em si mesmo.

No debate estabelecido, importava confrontar aspectos de natureza diversa, a exemplo: dos efeitos das políticas territoriais com incidência na área central, sabendo-se até que ponto constituem instrumentos determinantes de intervenção assim como, com relativa frequência, resultam de exercícios de aproximação a outras experiências temporalmente mais avançadas; do desfasamento ou da concordância entre períodos e ciclos de evolução do território; ou da diversidade convergente ou divergente do comportamento dos consumidores face a diferentes capacidades económicas e/ou motivações de consumo. Pretendeu-se, partindo de duas realidades distintas e do reconhecimento de similitudes e discrepâncias, chegar à identificação dos elementos mais relevantes, pela “positiva” e pela “negativa” (pela confirmação ou pela refutação de pressupostos) presentes nos dois casos de estudo.

Sabendo-se também, à partida, que as limitações de tempo e a opção metodológica inviabilizariam a inclusão de grandes extensões de cidade, houve necessidade de uma criteriosa e muito debatida escolha das áreas objecto de estudo, prevalecendo na definição, entre aquelas mais relevantes no que respeita às actividades de comércio e de turismo, critérios associados à estrutura funcional, à morfologia urbana e à representatividade dos períodos mais significativos na evolução de cada uma das cidades.

Um outro aspecto que importa considerar, prende-se com o envolvimento de um número significativo de alunos entre projecto e protocolo. Este envolvimento tem dois significados que se pretende destacar: um prende-se com a necessidade de alargar horizontes aos mais jovens alunos integrando-os e tornando-os parte na consolidação deste novo modelo de desenvolvimento europeu; o outro, relacionado com este, passa pela produção de conhecimento fortemente alicerçado em trabalho sobre o terreno. Os benefícios do contacto com a realidade e a transmissão do prazer da Geografia numa profunda relação com os temas de estudo é tomado como essencial à disciplina, apesar da dimensão actual das turmas tornar essa proximidade particularmente difícil e problemática, especialmente nos anos iniciais do ensino universitário.

O tipo de trabalho realizado – e o favorecimento do trabalho de campo – alicerça-se igualmente no reconhecimento das enormes deficiências da informação estatística disponível relativamente aos objectivos do estudo, particularmente no caso do Porto. De facto, verifica-se que o Instituto Nacional de Estatística trata a economia de acordo com parâmetros orientados para o interesse nacional, desvalorizando aspectos ligados ao tecido económico na sua repercussão local, para lá das NUTS, salvo um ou outro indicador que se consiga eventualmente obter por concelho. A Direcção Geral de Comércio e Concorrência

(que em 2002 desapareceu por integração na nova Direcção Geral da Empresa) tem, entre outras responsabilidades, a de produzir informação actualizada sobre os estabelecimentos, com indicação da actividade e morada. Todavia, a qualidade é manifestamente diminuta (como em diversos estudos ficou demonstrado), nomeadamente devido ao facto de numerosos estabelecimentos já encerrados continuarem a constar do Cadastro Comercial, enquanto muito dos que se encontram abertos ao público não constam do referido cadastro.

Esta lamentável ausência de informação recolhida e tratada a nível nacional, poderia ser suprida pelas instituições de âmbito municipal. Todavia, as associações empresariais regra geral possuem informação apenas sobre os seus associados e são muito raros os levantamentos funcionais produzidos pelas autarquias. No caso do Porto, deve registar-se o esforço desenvolvido pela Câmara Municipal que recolheu, informatizou e tratou cartograficamente informação relativa a cada um dos edifícios da cidade, com indicação das actividades e usos existentes, em 1982 e 1992. Esta tarefa foi todavia interrompida em 2002, facto que de forma irremediável impede a construção de séries contínuas de informação fiável. Sabendo-se também da volatilidade deste tipo de informação, intervalos de dez anos constituem períodos demasiado longos, ainda que pudessem assegurar o acompanhamento das dinâmicas funcionais que de forma particularmente significativa marcaram algumas das áreas da cidade do Porto, muito em especial o centro, o que aconselha a criação e manutenção de um sistema de informação que permita acompanhar em tempo real todas as mudanças.

Consideradas as limitações – de informação disponível e de tempo – e os objectivos do trabalho, optou-se por apoiar a análise das funções terciárias e do seu papel na revitalização urbana, numa investigação centrada na avaliação global das estruturas geográficas e socio-económicas das cidades e no estudo de algumas ruas onde as actividades económicas têm maior relevo e inquérito de campo, integrando questionários realizados junto dos utilizadores da área central.

Foi realizada uma síntese entre as investigações prévias realizadas pelos diversos elementos da equipa de trabalho, de documentos de estudo e bases de dados estatísticos. Procurou-se identificar as especificidades morfológicas e funcionais das duas aglomerações e em particular dos seus centros, definindo as principais questões que se colocam ao seu desenvolvimento e atribuindo especial importância às mutações socio-espaciais relacionadas com a metropolização.

Foi também realizada uma selecção de ruas nas quais existe uma elevada quantidade de estabelecimentos de comércio e de serviços, a qual teve em consideração diversos factores, alguns deles antes mencionados. Três tipos de espaço foram tratados, em cada caso de estudo:

- Os espaços de “centro histórico”, constituídos por algumas ruas de presença comercial e de restauração, situadas no “coração” da cidade consolidada. Trata-se de uma área do tríptico historicidade - mercantilização - turistificação, ou seja, de espaços de forte carga patrimonial e simbólica e de grande atracção turística que possuem um cunho identitário para toda a população da metrópole e onde existe uma actividade comercial reforçada e afinada pela frequência de clientelas diversificadas, com forte participação de visitantes esporádicos. Em geral, as ruas têm uma longa tradição comercial, redefinida no século XIX, num período em que ocorreu uma profunda reestruturação da actividade.

- Um grande eixo ou sector de relação ou articulação entre o centro antigo da cidade e a primeira coroa pericentral ou suburbana. Estes espaços beneficiam da presença de actividades terciárias de nível elevado, sobretudo de gama alta que têm dificuldade em se inscreverem no tecido mais antigo. As funções de comando ou de nível superior que

O comércio a retalho, a restauração e a hotelaria em espaço urbano:
relato de uma experiência de colaboração e intercâmbio
didáctico, metodológico e científico entre Porto e Angers

dizem respeito à gestão pública ou privada, os serviços prestados às empresas, os gabinetes de profissionais liberais e os complexos de lazer têm aqui uma importante presença, muito embora nos eixos mais antigos se mantenham os sinais de uma vocação de rua-estrada (faixa), com coexistência de actividades de nível e especialização variadas.

Trata-se do resultado de um efeito de extensão para lá das margens da área central da cidade, acentuado pelas melhorias de acessibilidade, com uma ampliação das actividades características de maiores centralidades. Estas novas localizações induzem importantes fluxos de bens e pessoas ligados aos negócios, com a multiplicação consequente da hotelaria e restauração, por vezes em associação com operações imobiliárias protagonizadas predominantemente por grandes grupos económicos e, com menor significado, por operações conjuntas público-privado. Neste contexto as demais estruturas comerciais conhecem mudanças significativas e acentuam com a sua dinâmica, a emergência de uma nova centralidade, muito embora nesta coroa pericentral convivam áreas mais dinâmicas com outras mais estabilizadas e “adormecidas”.

- Um sector suburbano “clássico”, caracterizado pelo aparecimento de complexos comerciais modernos sob forma integrada (grandes superfícies e zona ou parque comercial). Estas implantações desenvolvem-se a partir dos anos 80/90 e situam-se essencialmente na intercepção entre espaço urbano e periurbano (no caso do Porto, na perspectiva desta como cidade-centro) ou entre periurbano e suburbano (no caso de Angers). Estes novos pólos contêm não só as grandes superfícies generalistas, mas também poderosas galerias comerciais com grande diversidade de especializações e marcas internacionais de elevado *standing* que permitem uma fácil e muito alargada influência num território estendido que engloba não só toda a aglomeração, como a região e uma clientela de passagem mais ou menos significativa.

As escolhas centraram-se concretamente:

- Nas ruas centrais em espaços de forte valor patrimonial nos “corações” históricos, que colocam problemas de acessibilidade, estacionamento e vitalidade da actividade terciária, susceptíveis de alterações importantes no aparelho económico. Foram tratadas, no Porto, a Rua de S. João (fig. 1) e em Angers as ruas de la Doutre.

- Nas ruas centrais de sectores transformados no século XIX, onde as actividades comerciais são fundamentais à escala da globalidade da aglomeração: no Porto, é o caso da Rua de Santa Catarina (fig. 2); em Angers, das ruas Lenepveu, Saint-Laud e Saint-Aubin (área pedonal).

- Nas ruas pericentrais que constituem diagonais de circulação, na charneira entre o centro e as áreas de expansão, onde comércio e alguns serviços têm uma presença significativa. Trata-se da Rua de Costa Cabral, no Porto (fig. 3), e da cintura de *boulevards* (ou grandes avenidas) de Angers (Roi-René – Foch – Pasteur).

Para os eixos de circulação pedonal e/ou automóvel, realizaram-se levantamentos sistemáticos das actividades, sobre fundo cadastral, durante o ano de 2003, o que permitiu um trabalho cartográfico, gráfico e estatístico com utilização de uma classificação adoptada pelas comissões ou grupo de estudos da União Geográfica Internacional. Os elementos recolhidos foram tratados de acordo com referências de base que incluíram: localização, actividade económica e elementos de classificação tipológica, a que acrescem outros de natureza económica, como data de início da actividade, número de empregados, idade do proprietário e seu nível de formação, superfície de venda e nível de modernização do estabelecimento.

A classificação incluiu preferencialmente oito rubricas para os comércios e serviços de carácter comercial: comércio alimentar; equipamento da pessoa; equipamento da casa;

saúde e beleza; hotelaria, restauração e cafés; combustíveis e transportes; grandes superfícies polivalentes; serviços de carácter comercial aos particulares e às empresas.

O recenseamento de terreno foi completado com um par de questionários de inquérito e de entrevista, destinados a conhecer os pontos de vista dos empresários e dos consumidores sobre a valorização locacional dos estabelecimentos ou das áreas consideradas. As perguntas, fechadas e abertas, tiveram em vista identificar aspectos positivos e negativos, tal como percebidos, para permitir uma melhor compreensão das características das unidades de comércio e de restauração, bem como influenciar e orientar eventuais intervenções urbanísticas. Procurou-se, muito especialmente, identificar a posição dos actores económicos e sociais relativamente à transformação urbana, quer aquela com especificidades locais, quer aquela com características mais generalistas.

Os dois questionários, um destinado a proprietários ou gestores de estabelecimentos comerciais, de restauração e de hotelaria, outro destinado aos clientes e consumidores, foram conduzidos por pequenos grupos de estudantes, com o trabalho a desenvolver-se na Primavera (no caso do Porto) e o Outono (em Angers) de 2003.

- O primeiro questionário, lançado por entrevista directa com preenchimento pelo inquiridor, visou distinguir, do ponto de vista dos empresários, aspectos relacionados principalmente com o funcionamento do estabelecimento e com a prática comercial e de serviços em geral, assim como com as mutações socio-económicas da área e com os efeitos das políticas e do ordenamento.

- O segundo questionário, destinado aos consumidores, foi implementado de forma aleatória a clientes à saída das lojas. O conjunto de questões são recorrentes e visam obter uma avaliação geral do comércio e dos serviços, diagnosticar problemas identificáveis pelos utentes e conhecer o ponto de vista sobre as mutações antes experimentadas e a ocorrer, ligadas às políticas de urbanismo.

A recolha de informação a várias escalas e sob diferentes perspectivas permitiu reunir um diversificado conjunto de variáveis, resultantes da elevada quantidade de respostas: em número de 425 no Porto, das quais 276 junto de empresas e 149 aos consumidores, e de 335 em Angers, das quais 132 junto de empresas e 203 aos consumidores.

Os dados recolhidos a partir do recenseamento dos estabelecimentos foram digitalizados, classificados e posteriormente objecto de análise e de representação gráfica, com suporte em técnicas de cartografia automática.

A exploração dos dados recolhidos de inquéritos e entrevistas foram tratados de acordo com formas semi-automáticas, com recurso a Excel e Sphinx e posteriormente traduzidos em diversas formas gráficas, privilegiando-se a construção de histogramas, de acordo com princípios previamente acordados pela equipa.

3. Em torno das conclusões: a propósito de metropolização, terciarização e requalificação urbana e os seus reflexos nas semelhanças e diferenças entre Porto e Angers

Maugrado o curto período de vigência do projecto, a intensa dinâmica de transformação das cidades e o imbricado do comércio, restauração e hotelaria em diversas outras facetas urbanas que não foram estudadas, a recolha e tratamento de informação e especialmente a discussão de pontos de vista que foi realizada, encoraja a proposição de algumas ideias de síntese, retidas no estudo realizado no âmbito da Acção Integrada F-11/03 que uniu as unidades de investigação do Porto (GEDES) e de Angers (CARTA).

O comércio a retalho, a restauração e a hotelaria em espaço urbano:
relato de uma experiência de colaboração e intercâmbio
didáctico, metodológico e científico entre Porto e Angers

Uma primeira prende-se com o próprio processo de investigação levado a cabo, que permitiu um importante cruzamento de ideias, sustentado em informação actual e fiável e no aprofundado conhecimento de cada uma das duas cidades e das várias áreas operativas definidas. Daí que, antes de mais, se devam sublinhar as vantagens do encontro de saberes e da análise comparativa de situações, tendo em conta o enriquecimento de cada um dos parceiros no contacto estabelecido e uma melhor compreensão das particularidades e dos aspectos comuns de processos que se repercutem sobre os territórios urbanos.

A propósito destas semelhanças e diferenças, registou-se o cruzamento de movimentos globais de homogeneização com a afirmação de especificidades locais, numa amálgama de elementos comuns e distintivos que contribuem para afirmar a urbanidade e o carácter identitário constantemente renovado de cada uma das cidades. Na primeira das dimensões, ficou bem patente a forma como os processos de terciarização apresentam aspectos comuns, os quais, no quadro de um mundo globalizado, tendem a aproximar dinâmicas de transformação das unidades funcionais e do comportamento dos consumidores, bem como o tipo e a forma das intervenções privadas e públicas na imagem e estrutura das cidades. De facto, entre outros aspectos a reter, notou-se que a concentração empresarial reforça a presença das grandes marcas em ambas as metrópoles, que as soluções do “imobiliário comercial” não são especialmente distintas e ainda que as intervenções urbanísticas são consideravelmente próximas, na medida em que técnicos e autoridades municipais tendem a reproduzir as soluções vistas como bem sucedidas noutros locais. Assim, as paisagens comerciais tornam-se mais homogéneas, com as mesmas marcas e idênticas soluções técnicas para toldos, reclamos, montras e mobiliário comercial e de restauração, entre outros aspectos, o que confere ao centro da cidade uma imagem mais próxima da dos centros comerciais num processo de purificação standardizante, nesta como noutras cidades vizinhas ou distantes de um mesmo país ou continente, ao mesmo tempo que os centros comerciais se aproximam dos centros de cidade nas funções (ao comércio, soma-se o lazer e diversos serviços, até de administração pública) e na forma (com luz directa, presença da vegetação natural e recriação de uma certa arquitectura tradicional, por exemplo). Mas não só o comércio e a restauração são objecto desta aproximação globalizante, também as soluções de trânsito se aproximam, entre Porto e Angers como entre outras cidades, com o automóvel a ser contido e as lógicas de uma pretendida sustentabilidade a alargarem-se geograficamente e a aprofundarem-se, com a valorização de transporte em sítio próprio (metro ligeiro ou eléctrico rápido), para não falar dos projectos de requalificação que alargam os espaços do peão, reintroduzem a árvore e o verde urbano e procuram tirar partido no centro de cidade dos tempos lentos da visita, em contraponto à pressa da compra necessária do hipermercado, ou à “artificialidade” e dependência do automóvel no centro comercial periférico.

Persistem todavia especificidades, mesmo se nos últimos anos foi assinalável a intensidade das alterações e o seu sentido razoavelmente próximo. Um primeiro aspecto a distinguir entre as duas que se estudaram, respita ao vigor comercial e habitacional do centro de cidade, bem maior em Angers do que no Porto. Por certo que a desigual dimensão ajuda a compreender: afinal o Porto-metrópole tem cerca do dobro da população da aglomeração de Angers, o que entre outras razões poderá favorecer dinâmicas policêntricas. Na realidade não se quedam por aqui os factores de explicação, uma vez que a maior vitalidade da periferia no Porto terá igualmente que ser entendida à luz dos antecedentes históricos e das condições políticas mais recentes. No primeiro destes aspectos, importa considerar a preexistência de municípios vizinhos do Porto com dimensão demográfica e económica significativa e que estabelecem uma relação com a cidade-centro há muito marcada por bem mais que uma simples dependência. No segundo aspecto, deve notar-se

o quadro regulamentar específico, o qual (em contraponto com a lei Royer em França), criou condições favoráveis à eclosão de uma tão tardia quanto intensa revolução comercial que multiplicou na periferia as grandes áreas de atracção do consumo em condições de grande liberdade de iniciativa. Aqui, as reduzidas constricções à abertura e a possibilidade de funcionamento à noite e ao domingo, entre outros aspectos regulamentares da prática comercial, favoreceram a afirmação do “novo comércio”, sobretudo periférico, e aceleraram a agonia do “comércio tradicional” e a estagnação do “velho centro”, criando condições para a aproximação da cidade portuguesa em geral e do Porto em particular ao modelo norte-americano da “cidade-donute” de centro fraco com o reforço da “cratera central” decorrente de um esvaziamento populacional e funcional.

A persistência de especificidades morfológicas e urbanísticas, não está apenas associada ao comércio e aos serviços. Nesta dimensão, aquilo que mais importa destacar, é a existência, no interior da cidade de Angers, de várias áreas de características distintas mas com forte vitalidade económica, como a área pedonal central, o tecido antigo da margem direita do Maine e a área das grandes avenidas. Em contrapartida, no Porto, as áreas de maior concentração de estabelecimentos e que mantêm uma real vitalidade são menos evidentes, reduzidas quase só a umas quantas ruas do centro (com grande destaque para Santa Catarina), a muito poucas da área pericentral (como Costa Cabral), a um núcleo mais recente de afirmação terciária (Boavista), locais direccionados a mercados muito especiais (como em Miguel Bombarda com as galerias de arte), à resposta a uma procura de proximidade de poder de compra relativamente baixo (um pouco por toda a parte) ou para o visitante esporádico (em especial na frente de rio, entre produtos típicos e recordações) para lá de algumas bolsas ou “ilhas” de alto *standing* em diversos pontos ao longo da Avenida da Boavista e na ligação entre a Biixa e a Foz.

As diferenças entre Porto e Angers têm uma natureza morfológica associada às desiguais dimensões, o que ajuda a compreender a continuidade e até a sobreposição entre o tecido mais antigo e o centro de comércio em Angers (como acontece em Braga ou Viana do Castelo), seccionados no Porto pela topografia e pela distância, entre Ribeira e “Baixa”, perdurando dois centros, um dito histórico e um outro claramente marcado pelo comércio e pelos serviços. Mas, como se depreende do que antes se disse, a diferença maior estará na vitalidade do centro e na expressão do comércio exterior à cidade-centro, com grandes, recentes e sofisticados centros comerciais em torno do Porto, em Matosinhos, Maia, Gondomar e Vila Nova de Gaia, enquanto em Angers as grandes superfícies de várias épocas estão abertas apenas de segunda a sábado de manhã e não possuem as vantagens de localização ou de procura alargada que encontram na principal metrópole do Norte de Portugal, uma metrópole expandida e policêntrica em que o centro comercial se tornou um elemento fundamental do reforço da sua capacidade de atracção sobre uma vasta e densamente povoada região envolvente.

Nas práticas de consumo como nas políticas, as semelhanças cruzam-se com as diferenças. Porque, se os gostos se internacionalizam e as modas são cada vez mais globais, o comportamento do consumidor, nas suas mais variadas expressões, continua apesar disso a revelar também diferenças culturais e comportamentais importantes. Assim acontece também nas políticas, por exemplo em relação à circulação – elemento crucial para a compreensão das dinâmicas geográficas das actividades económicas –, já que se verifica que mais cedo Angers apostou na limitação de acesso e redução da velocidade do automóvel no centro, com a criação de uma “placa pedonal”, enquanto no Porto dos últimos anos, pelo contrário, se multiplicaram os espaços de estacionamento, maugrado ter diminuído a atracção do centro para o automóvel como para o transporte colectivo, face a polaridades alternativas (em especial a Boavista) e aos espaços de maior atracção

O comércio a retalho, a restauração e a hotelaria em espaço urbano:
relato de uma experiência de colaboração e intercâmbio
didáctico, metodológico e científico entre Porto e Angers

metropolitana e regional para consumo, os “centros periféricos”, cada vez mais usados, durante mais tempo, por mais pessoas, para um maior número de finalidades. Na dimensão política, registam-se também algumas quantas semelhanças e diferenças, a propósito das preocupações (maiores que antes, mas ainda aquém do necessário) com o tecido empresarial e em geral as iniciativas direccionadas para o comércio e o turismo. Em geral, nota-se uma subvalorização do aparelho comercial nos instrumentos de urbanismo e em geral nas políticas da cidade, bem mais marcante todavia no Porto, onde o discurso de “retorno ao centro” não tem sido acompanhado de uma estratégia e medidas que permitam, à escala metropolitana, inverter processos de desvitalização e de fragmentação urbanas.

Coloca-se como nuclear a questão da preservação da identidade urbana e, em particular, da identidade do centro. Noutros termos, a “marca” específica da cidade corre riscos de se reduzir à dimensão monumental ou gastronómica, a alguns *slogans* publicitários, acompanhados da banalização das paisagens terciárias, num jogo que passa essencialmente pelos promotores do imobiliário comercial e pelos negociantes de soluções “chave na mão” para o tratamento dos espaços públicos. Ora, o sucesso da metropolização reside certamente, para além da terciarização inevitável, na capacidade de adoptar um “suplemento de alma” na cidade consolidada que acompanhe e complemente as modernidades suburbanizantes e favoreça o aumento da qualidade da escolha ao cidadão-consumidor. Estes “valores suplementares” podem ser encontrados, por um lado, na conjugação do comércio e dos serviços com o património e a cultura, pois que o enraizamento na espessura histórico-cultural pode evitar as facilidades do estandardizado e do consumismo material e espacial acrítico; por outro, no sentido de serviço e acolhimento, claramente visíveis nos inquéritos tanto no Porto como em Angers, confirmando o sentido de “viver em comum” característico da cidade histórica.

Nesta linha de orientação do tema, ser metrópole, significando atracção regional, nacional e internacional, deve implicar capacidade de distinção. Face a uma concorrência alargada a um maior número de cidades tornadas mais próximas, Porto e Angers, assim como outras cidades da fachada atlântica, deveriam centrar nas qualidades locais, materiais e imateriais, os mecanismos de afirmação da sua autenticidade, para a qual deveria concorrer significativamente a dinâmica das áreas comerciais e turísticas nas suas dimensões sociais, culturais ou patrimoniais.

A estas conclusões, acrescem dois apontamentos: um para realçar o interesse em ampliar os estudos geográficos sobre o tecido económico das cidades, tendo em vista, designadamente, a compreensão da repercussão à escala local de processos de dimensão internacional; outro para dar nota da necessidade em reforçar a consideração do tecido económico nas medidas e instrumentos de política de cidade, seja em associação com orientações estratégicas, seja na sua tradução em medidas com tradução espacial, directa ou indirectamente associadas com o planeamento e a gestão do território.

Por último, e tendo em atenção o que ficou dito na introdução, importa considerar as formas e os instrumentos de um aprofundamento e alargamento da cooperação luso-francesa, estabelecida a partir de uma troca de experiências de docência e de um pequeno projecto de investigação que envolveu docentes-investigadores e alunos de Geografia das universidades de Porto e Angers. A este propósito, registe-se a manutenção do acordo Erasmus-Socrates que permite manter a colaboração de Jean Soumagne com a Geografia do Porto e permitir a docência em Angers. Note-se igualmente a existência de uma nova candidatura como Acção Integrada Luso-Francesa de um projecto que pretende estudar “o tecido económico na revitalização da cidade consolidada” e visa alargar o estudo comparado realizado sobre o Porto e Angers a cidades de menor dimensão, assim como envolver estudantes do Curso Integrado de Pós-Graduação em Geografia Humana. Esta ligação

Porto-Angers, associada a contactos que se têm vindo a consolidar e institucionalizar com colegas das universidades de Santiago de Compostela e León (juntos com o Porto e Braga noutra candidatura como acção integrada de investigação), Bordéus, Rennes e Dublin, permitem equacionar o estabelecimento de uma tão desejável quanto promissora rede de escala europeia que permitiria potenciar, na fachada atlântica, estudos de geografia urbana, geografia do comércio e geografia do turismo, entre outras áreas a considerar, com ganhos mútuos na investigação/ aprendizagem colectiva.

Fig. 1 - Rua de S. João



Fig. 2 - Rua de Santa Catarina



O comércio a retalho, a restauração e a hotelaria em espaço urbano:
relato de uma experiência de colaboração e intercâmbio
didático, metodológico e científico entre Porto e Angers

Fig. 3 - Rua de Costa Cabral

